

O medo de submarinos e as memórias da Segunda Guerra Mundial no extremo sul da Bahia

Fear of submarines and memories of World War II in the extreme south of Bahia, Brazil

Miedo a los submarinos y recuerdos de la Segunda Guerra Mundial en el extremo sur de Bahía, Brasil

Tharles Silva¹

Recebido em: 31 jan. 2025
Aceito para publicação em: 26 abr. 2025

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar como o medo de submarinos sentido pela população do extremo sul da Bahia, surgido durante a Segunda Guerra Mundial, se prolongou por décadas e ajudou a preservar as memórias do conflito no local. Parte-se do princípio de que o medo perdurou por conta da aparição de submersíveis misteriosos na costa da região, entre as décadas de 1950 e 1960. Além disso, supõe-se que as aparições ajudaram a preservar as memórias da guerra porque as pessoas utilizaram elementos do período do conflito para explicar a presença dos submersíveis. As principais fontes utilizadas neste trabalho são matérias publicadas em jornais, entre as décadas de 1950 e 1960, e relatos de memórias de moradores de cidades da região.

¹ Doutor em Estado e Sociedade. Pesquisador do Centro de Documentação e Pesquisa Memórias do Sul da Bahia. *E-mail:* tharlessilva@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9051-3085>.

Palavras-chave: extremo sul da Bahia; medo de submarinos; memórias da Segunda Guerra Mundial.

Abstract: This paper aimed to analyze how the fear of submarines felt by the population of the extreme south of Bahia, Brazil, which arose during World War II, lasted for decades and helped preserve memories of the conflict there. The premise is that the fear persisted due to the appearance of mysterious submersibles off the coast of the region between the 1950s and 1960s. Furthermore, it is assumed that these sightings helped preserve memories of the war, as people used elements from the conflict period to explain the presence of the submersibles. The main sources used in this study are newspaper articles published between the 1950s and 1960s and memoirs of residents of cities in the region.

Keywords: extreme south of Bahia; fear of submarines; World War II memories.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo analizar cómo el miedo a los submarinos que sentía la población del extremo sur de Bahía, Brasil, surgido en la Segunda Guerra Mundial, persistió durante décadas y contribuyó a preservar la memoria del conflicto. La premisa es que ese miedo persistió debido a la aparición de misteriosos sumergibles en las costas de la región entre las décadas de 1950 y 1960. Además, se asume que esos avistamientos contribuyeron a preservar la memoria de la guerra, ya que la gente utilizó elementos del período del conflicto para explicar la presencia de los sumergibles. Las principales fuentes utilizadas en este estudio son artículos periodísticos publicados entre las décadas de 1950 y 1960 y memorias de residentes de las ciudades de la región.

Palabras clave: extremo sur de Bahía; miedo de submarinos; memorias de la Segunda Guerra Mundial.

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial atingiu o extremo sul da Bahia² de forma gradual. Inicialmente, como notícias. Em seguida, como violência. Depois, tragédia. E, finalmente, experiência cotidiana. A guerra marcou profundamente a sociedade regional; passadas oito décadas após seu fim, as reminiscências do conflito ainda podem ser captadas no imaginário coletivo da população local, por meio de uma série de histórias que os moradores de cidades como Belmonte, Porto Seguro, Prado e Caravelas contam sobre a presença de soldados, submarinos e espionagem praticada por estrangeiros.

Relata-se que pessoas se comunicavam com as tripulações de submersíveis e até mesmo lhes forneciam mantimentos e combustível. Também se fala que restos de cargas e destroços de navios atacados por essas belonaves chegavam às praias de municípios da região. Foi por meio de uma dessas histórias que tive contato com o tema da Segunda Guerra Mundial no extremo sul da Bahia.

² O governo da Bahia divide o estado em territórios de identidade, demarcados com base em características culturais, econômicas e históricas. Um dos territórios se chama extremo sul da Bahia, mas ele não corresponde ao que aqui é apresentado com o mesmo nome. Neste artigo o extremo sul da Bahia é a região formada pelos municípios de Belmonte, Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Prado, Alcobaça, Caravelas e Mucuri, que se originaram da desintegração do território da antiga comarca de Porto Seguro e compartilham história e aspectos culturais, econômicos e sociais comuns. Além disso, eram os únicos municípios baianos existentes entre os rios Jequitinhonha e Mucuri, na primeira metade do século XX.

Em 2016, durante uma entrevista³, o senhor Benedito Ramos Cassimiro disse:

[...] tinha uma mulher que vinha com submarino, fazendo contato com um cara dela lá em Santa Cruz Cabralia. Depois foi que descobriu. Não sei se deram um fim nela, não sei! Negócio da guerra, sabe?! Um submarino e tal, e fazia isso (Cassimiro, 2016).

Posteriormente, descobri que o senhor Benedito se referia a Abiah Elizabeth Reuter, uma mulher de origem suíça que vivia em Belmonte. Durante a guerra, uma série de boatos espalhados por pessoas do município dizia que ela se comunicava com tripulações de submarinos alemães e lhes fornecia mantimentos. O contato com essa história despertou-me interesse pelo tema da guerra e deu origem ao meu projeto de doutoramento, cujo objetivo era compreender as formas pelas quais a Segunda Guerra Mundial atingiu o extremo sul da Bahia⁴.

A pesquisa de doutoramento revelou que a região foi fortemente impactada pelo conflito. Apontou, também, que a memória do confronto foi mantida nas décadas que se seguiram ao fim da guerra, principalmente por meio da tradição oral. Apesar dos impactos da beligerância na região, até recentemente o tema não havia sido estudado por historiadores ou outros profissionais acadêmicos.

O desconhecimento historiográfico sobre eventos da Segunda Guerra Mundial ocorridos no extremo sul da Bahia não é, contudo, exclusivo da região. Como apontou Roney Cytrynowicz (2002, p. 17), a história da Segunda Guerra Mundial no Brasil “tem sido marcada muito mais pela ausência do que por uma presença efetiva e consistente”. Isso se deve a uma série de fatores que perpassam questões como o interesse dos pesquisadores, a disponibilidade de fontes, entre outras. A história contada pelo senhor Benedito Cassimiro por meio de minha pesquisa permitiu, entretanto, a inclusão do extremo sul da Bahia na historiografia brasileira sobre a Segunda Guerra Mundial.

Ao longo da segunda metade do século XX e início do XXI, a guerra manteve-se viva no imaginário coletivo da população regional por meio de histórias repassadas pela tradição oral. Entre elas, o medo dos submarinos é um elemento muito forte, tanto que originou anedotas curiosas. Uma destas, por vezes repetida por pessoas mais velhas em Porto Seguro, diz que um pescador que navegava em alto-mar, ao avistar um submarino, pulou do barco e nadou até a praia. Tal medo foi um dos grandes responsáveis pela preservação das memórias do conflito em toda a região.

Algo que me chamou a atenção durante a pesquisa foi perceber que o temor aos submarinos entre os habitantes da localidade durou décadas, mas por quê? É fato que o *Barbarigo*, um submarino italiano, navegou pelo litoral baiano e foi o responsável pelo naufrágio do navio *Afonso Pena*, ao largo da costa de Porto Seguro, em 1943. Também é verdade que a barça *Jacira*, ligada ao transporte de mercadorias entre Belmonte e Salvador, foi afundada pela tripulação do submarino alemão U-507, em 1942, evento que causou grande comoção em Belmonte. Contudo foram esses os eventos responsáveis pelo medo prolongado de submarinos entre os moradores da região?

Aparentemente, não. Esse medo parece ter sido alimentado por alguns eventos ocorridos entre as décadas de 1950 e 1970. Como apontou Jacques Le Goff (2013, p.

³ Concedida a mim e aos amigos Galileu Lemos Jr., Gabriel Moreira Dias e Vinícius Parracho, a entrevista foi realizada no âmbito de um projeto que tinha o objetivo de escrever a história do antigo campo de aviação do Arraial d'Ajuda. A pesquisa deu origem ao livro *Asas para Porto Seguro: histórias e memórias do antigo campo de aviação do Arraial d'Ajuda*, publicado pela Editora Paco em 2019.

⁴ A tese resultante da pesquisa foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade, da Universidade Federal do Sul da Bahia, no dia 19 de agosto de 2022.

201), a memória, por sua propriedade de conservar certas informações, remete a um conjunto de funções psíquicas que permite aos seres humanos atualizar impressões ou informações vivenciadas no passado. Nesse sentido, tais eventos, por atualizarem as impressões das pessoas da região sobre o período da guerra, alimentaram o medo da ameaça representada pelos submarinos.

Para tratar do assunto, este trabalho está dividido em duas partes. A primeira apresenta um panorama dos impactos da Segunda Guerra Mundial no extremo sul da Bahia. Esse esforço é necessário, não só para reforçar um dos argumentos centrais deste trabalho – a guerra deixou marcas profundas na sociedade do extremo sul baiano –, mas porque o tema é recente e as pessoas, de forma geral, não o conhecem. A segunda parte aborda os eventos que possibilitaram a preservação do medo de submarinos na localidade.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO EXTREMO SUL DA BAHIA

Como dito anteriormente, a Segunda Guerra Mundial atingiu a região de forma gradual. Em um primeiro momento, o conflito apresentou-se em forma de “notícias”. Durante os dois primeiros anos da guerra, a população local acompanhou o conflito por meio de informações impressas no jornal *Boletim Oficial Município de Belmonte* e de noticiários transmitidos por emissoras de rádio.

Não havia, porém, profundidade nas notícias impressas pelo *Boletim Oficial*. Até 1942 as matérias sobre o conflito, produzidas por intelectuais que colaboravam com a edição do jornal, limitavam-se a fazer críticas genéricas ao estado de beligerância, apontando o morticínio e a destruição de cidades. Quando muito, reprovavam veladamente o expansionismo alemão. A sociedade brasileira da época vivia sob a ditadura do Estado Novo e as notícias estavam sob o jugo da censura estatal. Além disso, deve-se levar em consideração que até agosto de 1942 o Brasil se manteve oficialmente neutro em relação ao conflito e, conforme apontou Nelson Werneck Sodré (1983, p. 383), a neutralidade se fazia sentir nos noticiários da imprensa e do rádio.

Ainda conforme Sodré (1983, p. 383), foi somente após a entrada do Brasil na guerra – o que deu início a um lento processo de enfraquecimento da ditadura do Estado Novo – que a imprensa pôde ampliar a cobertura sobre o conflito. Isso ajuda a entender por que, após a declaração de guerra brasileira à Alemanha e à Itália, o *Boletim Oficial de Belmonte* passou a publicar um número maior de notícias sobre a beligerância. Nesse contexto, começaram a ser publicadas nas páginas do jornal belmontense charges, anedotas ridicularizando Adolf Hitler, informações sobre avanços Aliados, fotografias de soldados e equipamentos militares, entre outras coisas.

Além disso, o *Boletim Oficial* também passou a publicar matérias produzidas por agências de propaganda dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Figura 1 – Matérias sobre a guerra impressas no Boletim Oficial de Belmonte

ANEDOTA DE GUERRA

U'a mulher, na Alemanha, entrou num empório e disse ao proprietário:

“Faça o favor de me dar um quilo de salame”.

—Não temos minha senhora, respondeu-lhe o empregado.

—Então faça o favor de me dar um quilo de manteiga”.

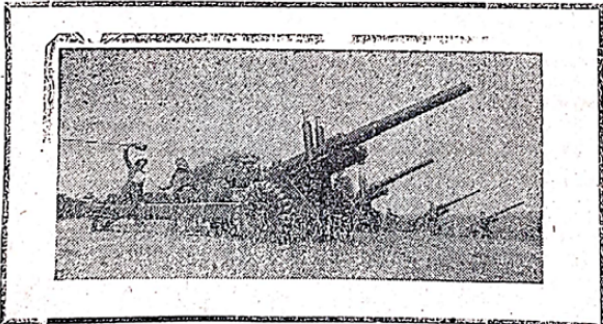
—Tambem não temos.

“Muito bem e cebolas o sr. tem?”

—Minha senhora, replicou o comerciante, a senhora veio aqui para comprar alguma coisa ou veio para provocar encrenca com o governo?

(C. E. C.)

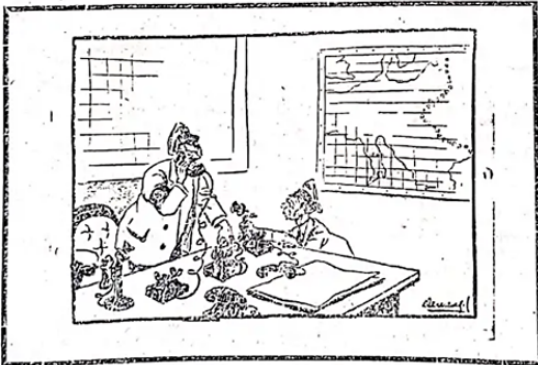
No trabalho, ou no folguedo; na cidade, ou no campo; na Escola, ou na oficina; no tumulto da multidão, ou no recesso do lar, nossa máxima preocupação, brasileiros, só pode ser esta: “VENCER A GUERRA!” (Segundo Congresso de Brasilidade.)



CANHÕES BRITANICOS EM AÇÃO

Um canhão em posição, para entrar em ação. — Vendose outros enfileirados.

BRITISH NEWS SERVICE.



Linha interrompida. Stockholm, Madrid, Ankara. Não me ouvém?

Fonte: Boletim Oficial Município de Belmonte (6 de mar. 1943, p. 5; 1 jul. 1944, p. 1; 8 jul. 1944, p. 1)

Independentemente do grau de profundidade de suas notícias, o *Boletim Oficial de Belmonte* foi o grande vetor de informações da região sobre o conflito. De acordo com Carlos Benedito de Souza e Scheilla Franca de Souza (2006, p. 82), durante a guerra surgiram dois jornais em Caravelas: o *Guiamu* e o *Cara Vela*. Não consegui, contudo, localizar edições desses jornais. De forma geral, a cobertura da guerra no *Boletim Oficial* intensificou-se após agosto de 1942, não só por conta da entrada do Brasil na guerra, mas, particularmente, por um fatídico episódio que envolveu um barco ligado à localidade.

Na madrugada do dia 19 de agosto daquele ano, a barça *Jacira* foi afundada pela tripulação do submarino alemão U-507. Conforme reportagem publicada no jornal *Estado da Bahia* (29 ago. 1942, p. 3), na “manhã calma” de 18 de agosto a embarcação deixou o porto de Belmonte e, após estadia em Itacaré, foi afundada pelos alemães. De acordo com relatos do senhor Vicente Lima Bezerra (2016), o evento causou grande comoção entre os belmontenses. Conforme disse, “esse barco trabalhou muito aqui” (Bezerra, 2016). A *Jacira* atuava, principalmente, no transporte de cacau e piaçava entre Belmonte e Salvador, e seus marinheiros, que felizmente sobreviveram ao ataque, eram muito benquistos localmente, o que ajuda a explicar a comoção gerada pelo episódio.

O afundamento da *Jacira* foi o último de uma série de seis ataques realizados pelo U-507, entre os dias 15 e 19 de agosto de 1942. No total, 607 pessoas morreram por consequência direta das ações da tripulação daquele submarino (Arantes, 2012). A violência das investidas do U-507 e de muitos outros ataques contra barcos mercantes brasileiros, realizados desde 1941, somada à pressão exercida pela população brasileira, levou o governo de Getúlio Vargas a declarar guerra à Alemanha e à Itália no dia 22 de agosto daquele ano.

Os ataques ocorridos em 1942, realizados por submarinos alemães e italianos, alguns no litoral baiano, impactaram a economia e a sociedade do extremo sul da Bahia. Houve uma redução considerável no tráfego de embarcações mercantes nos portos da região, o que provocou dificuldades de subsistência entre seus moradores (Silva, 2022, p. 66-69). Dessa forma, 1942 representa um marco importante na história da Segunda Guerra Mundial no extremo sul da Bahia. Naquele ano, a guerra deixou de ser apenas “notícias” e se revelou à população regional como “violência”.

O caso da *Jacira* trouxe um ar de insegurança aos moradores do extremo sul baiano. Navegar por sua costa não parecia mais uma atividade segura. Muitos habitantes da localidade estavam envolvidos na pescaria marítima, que, além de prática secular, era uma importante forma de garantir a subsistência dos cidadãos. Além disso, constituía uma atividade relevante para a economia regional, tendo em vista que os municípios da redondeza exportavam pescados. Nasceu, assim, o medo de submarinos entre os moradores.

No extremo sul da Bahia, uma das consequências imediatas da entrada do Brasil no conflito foi o recrudescimento das políticas nacionalistas do Estado Novo, o que resultou em perseguições aos estrangeiros que viviam na região. No dia 29 de setembro de 1942, o jornal *A Tarde* (p. 8) publicou uma nota com o título “Diligência na Bahia Cabralia”, na qual informava sobre a prisão de seis italianos na cidade de Santa Cruz Cabralia, todos integrantes de uma cooperativa agrícola. Conforme matéria publicada no jornal *Estado da Bahia* (set. 1942, p. 3), eles viviam “clandestinamente” no Brasil e foram presos no âmbito de uma “campanha contra os elementos que se tornaram nocivos à segurança nacional”. Nos anos seguintes, ocorreram novos casos de perseguição a estrangeiros na localidade.

Em Porto Seguro, o português Antonio Parracho foi detido durante uma noite, após ser acusado de fornecer combustível a submarinos inimigos. Em Belmonte, Abiah Elizabeth Reuter, acusada de se comunicar com tripulações de submarinos e lhes fornecer mantimentos, também sofreu hostilidades. Conforme relatou o senhor Vicente Lima Bezerra (2016), os soldados entravam nas propriedades de Abiah e lhe causavam prejuízos, consumindo produtos que ela cultivava. E, ainda conforme o senhor Vicente, ela “não podia fazer nada, porque o tempo era de guerra e ela era visada” (Bezerra, 2016). Em Prado ocorreu o caso mais grave: o alemão Siegfried Simon, acusado de se comunicar com submarinistas alemães e de lhes fornecer dados sobre atividades de embarcações brasileiras, foi preso e enviado para o Tribunal Militar, no Rio de Janeiro, onde chegou a tentar cometer suicídio (Silva, 2022, p. 225-248).

Nunca se provou nenhuma das acusações feitas contra os alóctones que viviam no extremo sul da Bahia, mas o clima de desconfiança em relação a estrangeiros se espalhou pelo país, sobretudo em virtude de políticas governamentais que, além de restringir a liberdade dessas pessoas, incentivaram os brasileiros a vigiá-las constantemente. Quanto a São Paulo, Roney Cytrynowicz (2002) apontou o grande controle estatal sobre italianos e japoneses. Em Santa Catarina, Marlene de Fáveri (2002) verificou a mesma situação em relação aos alemães e seus descendentes. Na Bahia, Marina Helena Chaves Silva (2007) também identificou perseguições a alemães durante o período da guerra. As desconfianças e hostilidades contra estrangeiros generalizaram-se pelo Brasil.

Os casos de prisões e arbitrariedades contra os estrangeiros que viviam no extremo sul da Bahia ocorreram com base em boatos que se espalharam pelos municípios da região. Como apontou Jean-Noël Kapferer (1993, p. 8), “os boatos nascem de perguntas espontâneas colocadas pelo público e para as quais não se tem respostas. Eles satisfazem a necessidade de compreensão do fenômeno, se este não é claro”. Nesse sentido, os rumores sobre as supostas ações colaboracionistas daqueles estrangeiros eram tentativas de a população explicar acontecimentos como os ataques contra a *Jacira* e o *Afonso*

Pena, pois era difícil compreender à época como os submersíveis inimigos conseguiam operar em uma área tão distante da Europa.

Em março de 1943, a guerra revelou-se aos habitantes do extremo sul da Bahia como “tragédia” quando, no dia 3 daquele mês, o navio *Afonso Pena* foi atacado pelo submarino italiano *Barbarigo* enquanto navegava ao largo da costa de Porto Seguro. No total, 122 pessoas morreram em decorrência da agressão. A ação dos italianos foi tão rápida e brutal que, segundo relatos dos sobreviventes, não houve tempo sequer para a tripulação do *Afonso Pena* desligar as máquinas propulsoras do navio. Por isso, muitas pessoas morreram trucidadas “pela hélice que continuava girando” (*A Noite*, 19 mar. 1943, p. 2). Há relatos de pessoas que somente sobreviveram porque se agarraram a pedaços de madeira e até mesmo em cadáveres que flutuavam na água.

Das 241 pessoas que viajavam a bordo do *Afonso Pena*, entre tripulantes e passageiros, 119 sobreviveram. Os sobreviventes ficaram vagando pelas águas do litoral da região, em botes salva-vidas, por até 18 horas. Oito deles chegaram às praias do município de Porto Seguro e nove foram salvos no mar por tripulantes de uma embarcação da cidade de Caravelas, para onde foram levados. Os outros foram resgatados por marinheiros do navio *Tennessee*, um petroleiro americano que passava próximo à área do ataque (Silva, 2022, p. 159-181). Certamente, os sobreviventes que estiveram em Porto Seguro e Caravelas compartilharam suas experiências terríveis com os moradores locais e ajudaram a difundir o medo de submarinos.

Além disso, os destroços da embarcação e os restos de sua carga espalharam-se por uma área que se estendia de Porto Seguro a Ilhéus. De acordo com uma reportagem publicada no jornal *A Tarde* no dia 11 de março de 1943 (p. 2), apareceram restos da carga do *Afonso Pena* nas praias ilheenses: “2.000 quilos de borracha, várias latas de látex, cheias e intactas, e muitos pranchões e material diverso”. O senhor José Carmo dos Santos (2016) mencionou a chegada de borracha, café e charque às praias de Arraial d’Ajuda, no município de Porto Seguro. O senhor Vicente Lima Bezerra (2016) relatou o que pode ser um indício de que nas praias de Belmonte também apareceram partes da carga do *Afonso Pena*: “Os submarinos botavam os navios no fundo, então dava muita borracha, aqueles fardos de borracha”.

A tragédia do *Afonso Pena*, além de ter colocado a população do extremo sul da Bahia em contato direto com os horrores da guerra, expôs a insegurança de seu litoral e, para resolver o problema, o governo brasileiro enviou guarnições para defendê-lo (Gomes, 1983, p. 53). Tropas do 10.º e do 12.º Batalhão de Caçadores, do 1.º e do 8.º Regimento de Artilharia Montada e do 4.º Grupo de Artilharia de Dorso, da 4.ª Região Militar, centrada em Minas Gerais, foram estacionadas nas cidades de Belmonte, Porto Seguro e Caravelas, a partir das quais também realizavam patrulhas nos outros municípios da região. As guarnições estiveram no extremo sul da Bahia de maio de 1943 a julho de 1944.

Além dos militares brasileiros, uma guarnição da U. S. Navy, a Marinha dos Estados Unidos, estava estacionada em um aeródromo no município de Caravelas. Os norte-americanos eram responsáveis pela operação de unidades dirigíveis do esquadrão ZPN-42, que executavam patrulhas aéreas sobre o litoral da localidade. Também davam suporte a aeronaves militares que vinham do Rio de Janeiro ou que para lá iam. As instalações do aeródromo de Caravelas tinham capacidade para abrigar cerca de 200 pessoas, mas não foi possível, ainda, determinar se esse foi o número de militares norte-americanos que estiveram na região naquele período.

A presença dos militares ampliou consideravelmente o clima de beligerância vivenciado pelas pessoas. Em locais como Porto Seguro e Caravelas, bandas marciais embalsamavam noites das cidades, e o excedente da alimentação dos militares ajudou a alimentar suas populações. Há registros de conflitos entre os habitantes locais e os

“soldados mineiros”, como são chamados pelos moradores da região, assim como de casamentos entre mulheres locais e militares. Ainda, após a guerra, infraestruturas construídas pelos militares – ou erigidas anteriormente para recebê-los – transformaram-se em marcos de sua presença naquela área (Silva, 2022, p. 183-222).

Deve-se destacar que os soldados brasileiros foram enviados para a região depois do ataque ao *Afonso Pena*. Nesse sentido, o evento representa outro ponto de virada na história da Segunda Guerra Mundial no extremo sul da Bahia: a presença dos militares alterou consideravelmente a rotina das pessoas e transformou a guerra em “experiência cotidiana”.

Por fim, a guerra envolveu a participação direta de moradores em operações militares. No município de Belmonte, cerca de 140 homens foram convocados para servir ao Exército. Também houve convocados em Caravelas, mas não foi possível determinar a quantidade deles. A maioria dos alistados colaborou na defesa do litoral baiano, como foi o caso do veterano belmontense João Borges Bandeira, que, segundo informou, atuou em patrulhas nos litorais de Canavieiras e Ilhéus (Bandeira, 2016).

Além disso, pelo menos cinco pessoas da região combateram na Itália como integrantes da Força Expedicionária Brasileira: os belmontenses Alexandre Magnavita e Antônio Vieira; o caravelense Antônio Sá Rodrigues, que se alistou voluntariamente em São Paulo; e os alcobacenses Grinaldo Teixeira de Medeiros e Walter do Rego Efren (ver Silva, 2022, p. 280-312). Todos sobreviveram e retornaram para a região em 1945. A participação de habitantes desses locais em operações militares, tanto na defesa do litoral brasileiro quanto no *front* italiano, foi o último evento da guerra relacionado ao extremo sul da Bahia.

Encerrado o conflito em 1945, iniciou-se o longo processo de formação e reprodução das memórias da guerra. Como apontou Pierre Nora (1993, p. 9), a “memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. Os eventos descritos anteriormente são os elementos sobre os quais as memórias da Segunda Guerra Mundial na região se enraizaram, e um dos aspectos presentes nessas memórias é o medo de submarinos.

O MEDO DE SUBMARINOS NO EXTREMO SUL DA BAHIA

O afundamento da *Jacira* apresentou à população local a violência da Segunda Guerra Mundial e fez surgir inquietudes com relação a submersíveis. O ataque ao *Afonso Pena* trouxe, efetivamente, os horrores da guerra para a região e ampliou o medo a essas terríveis embarcações. Os dois eventos por si só, contudo, não foram os responsáveis pelo temor prolongado de submarinos: seus causadores foram alguns avistamentos de submergíveis misteriosos nos litorais de Alcobaça e Belmonte, entre as décadas de 1950 e 1960; as repercussões que os casos alcançaram; e o estranho caso da comunidade Mato Grosso, em Prado, no ano de 1977.

O caso dos “homens louros” de Alcobaça

No dia 30 de junho de 1959, a Marinha do Brasil anunciou o avistamento de um submarino misterioso nas proximidades do Arquipélago dos Abrolhos, no extremo sul da Bahia, durante a realização de exercícios militares naquela área. A belonave avistada não fazia parte da esquadra brasileira. Tal notícia foi publicada nos jornais cariocas *Correio da Manhã* (4 jul. 1959, p. 11-14) e *O Jornal* (4 jul. 1959, p. 1-6).

No dia 7 de julho, notícias estranhas sobre “três homens louros” que seriam tripulantes do submarino misterioso e que teriam desembarcado de um bote de borracha em uma praia do município de Alcobaça foram publicadas em jornais do sul e sudeste do Brasil: “Homens louros em barco de borracha” (*A Tarde*, 7 jul. 1959, p. 1); “Mistério no litoral da Bahia” (*Diário da Tarde*, 7 jul. 1959, p. 1); “Homens louros dão à costa do litoral baiano” (*Diário de Notícias*, 7 jul. 1959, p. 1).

As notícias espalharam-se rapidamente pelo país. Entre julho e agosto daquele ano, pelo menos 49 matérias sobre o assunto foram publicadas em jornais de Curitiba, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo⁵. Também foram impressas notícias sobre o caso em jornais baianos, como *A Tarde* e *Estado da Bahia*. Contribuiu para a grande divulgação do evento o fato de que muitos desses jornais faziam parte dos Diários Associados, que na época era o maior conglomerado de mídias do Brasil. As notícias colocaram o extremo sul da Bahia no centro das atenções nacionais.

Diante das tensões entre os Estados Unidos e a União Soviética, surgiram especulações de que o submarino avistado fosse soviético e de que estivesse realizando missão de espionagem. Nos exercícios efetivados pela Marinha brasileira estiveram presentes pessoas e equipamentos dos Estados Unidos, por isso o caso gerou preocupação entre as autoridades políticas e militares brasileiras.

Nesse contexto, as histórias sobre o suposto desembarque de estrangeiros em Alcobaça levaram a Marinha a enviar investigadores para o município. Entre os dias 7 e 9 de julho, seis militares do 2.º Distrito Naval (2.º D. N.) – sediado em Salvador –, auxiliados por três aeronaves caça-submarinos da Força Aérea Brasileira (FAB), estiveram na região. Enquanto os aviões efetuaram buscas aéreas, os militares da Marinha realizaram investigações em terra. Após os dois dias de buscas, o tenente Lidenberg Campos da Silva, do 2.º D. N., afirmou em seu relatório que algo estranho ocorrera, mas os “homens louros” não foram encontrados (*Correio da Manhã*, 10 jul. 1959, p. 10).

O sargento Agenor Afonso Nogueira, delegado de polícia em Alcobaça, havia, contudo, apreendido um bote de borracha (*Diário de Notícias*, 7 jul. 1959, p. 1) que continha alguns mantimentos, mas não havia elementos de identificação. Os investigadores do 2.º D. N. cogitaram a hipótese de que ele teria sido utilizado pelos “três homens louros”.

O caso é muito complexo e envolve três estrangeiros que haviam chegado ao litoral de Alcobaça, vindos da Europa a bordo do veleiro *Natália Rosa*, e a insatisfação dos moradores de Prado e Alcobaça com as atividades da Sulba⁶, uma empresa que explorava areias monazíticas na região para a produção de tório⁷. Os três estrangeiros navegadores não eram os supostos “homens louros”; eram dois homens, o português José Rodrigues Belchior e o espanhol Adrian León Díaz, e a portuguesa Felismina Inês Rosa. Havia parado em Alcobaça para obter informações sobre a costa e depois seguiram rumo ao Rio de Janeiro, o porto final de sua viagem.

A insatisfação com a Sulba, conforme reportagem do *Correio da Manhã* (12 jul. 1959, p. 12), surgiu porque a empresa teria derrubado casas de moradores de

⁵ As matérias foram consultadas no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (<https://bndigital.bn.gov.br/>).

⁶ Sulba era o nome fantasia da Sociedade Comercial de Minérios Ltda. A empresa extraía areia monazítica na região e enviava para a Usina de Santo Amaro (Usam), em São Paulo, que produzia tório e exportava para os Estados Unidos.

⁷ O tório era um metal utilizado principalmente na fabricação de lâmpadas de manta (também chamadas de camisas de lampiões). Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos realizaram diversas pesquisas com tório, a fim de aplicá-lo na construção de reatores nucleares.

Cumuruxatiba, no município de Prado. Além disso, a população local suspeitava que funcionários da companhia contrabandeavam o minério que exploravam ali (Silva, 2022, p. 251-269). A população aproveitou a presença dos repórteres que estavam na região investigando o caso dos “homens louros” para externar sua insatisfação contra a Sulba.

Nos dias 25 de julho (p. 4-13) e 15 de agosto de 1959 (p. 97-98), duas matérias produzidas pelo jornalista Luciano Carneiro, publicadas na revista *O Cruzeiro*, solucionaram parte do mistério dos “homens louros”: Luciano Carneiro identificou que os alóctones que desembarcaram em Alcobaça foram os tripulantes do *Natália Rosa* e que os boatos sobre os homens louros eram uma referência a funcionários estrangeiros da Sulba. A ideia de que os estrangeiros haviam desembarcado de um submarino teria surgido com base na descrição que o pescador Rosalvo, de Prado, fez do veleiro *Natália Rosa*: “um navio diferente, todo fechado, de convés abaulado, cor de ferrugem e apenas um mastro sem velas” (*Diário da Noite*, 9 jul. 1959, p. 10). As histórias teriam se misturado durante as investigações da Marinha e originaram o caso dos “homens louros”.

Após as matérias da revista *O Cruzeiro*, o caso caiu no esquecimento. Contudo algo permaneceu sem explicação: o bote de borracha. Ele não pertencia ao *Natália Rosa* e seu proprietário não foi encontrado. Ademais, as suspeitas da população local sobre a realização de contrabando de minério atômico foram ignoradas completamente nas explicações fornecidas por Luciano Carneiro.

O caso dos “homens louros” surgiu porque as populações de Prado e Alcobaça juntaram a história dos navegadores com a do avistamento do submarino durante os exercícios da Marinha e a do suposto contrabando praticado por funcionários da Sulba. Aparentemente, os moradores locais interpretaram os estrangeiros, o submarino misterioso e o suposto contrabando de minérios atômicos como ameaças às suas comunidades, assim como os estrangeiros e o submarino, por se tratarem de elementos desconhecidos, e a Sulba, além das suspeitas de contrabando, porque a empresa ocupava áreas importantes para a sobrevivência dos habitantes, como as praias. Ao expor as histórias aos investigadores da Marinha e aos repórteres, os moradores de Prado e Alcobaça evidenciavam temores coletivos.

De acordo com Jean Delumeau (2009, p. 30-32), o medo, nas perspectivas individual e coletiva, é uma reação àquilo que representa ou pode representar uma ameaça à nossa existência. E ele tem objetos determinados (Delumeau, 2009, p. 33). Nesse sentido, as populações de Prado e Alcobaça expressaram, no caso dos “homens louros”, três medos coletivos que pairavam sobre seu imaginário: os estrangeiros, os submarinos e a perda de recursos necessários à sua sobrevivência.

Os estrangeiros e o submarino eram desconhecidos, e o desconhecido faz parte do que Delumeau (2009, p. 43) classificou como “medo espontâneo”, que se refere à morte, à incerteza e à perda. É espontâneo porque acomete naturalmente diversas pessoas de uma sociedade. Os estrangeiros e o submarino podem ter despertado lembranças dos ataques navais ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial e reacendido uma apreensão que permanecia latente entre os moradores. É interessante notar que as pessoas de Alcobaça e Prado canalizaram esse medo para lutar contra a Sulba, que, de certa forma, também os ameaçava.

O caso dos “homens louros” de Alcobaça não foi, todavia, o único evento ligado ao avistamento de submersíveis que reavivou memórias do período da Segunda Guerra Mundial no extremo sul da Bahia. Foi apenas o primeiro. Dois anos depois, as pessoas da região voltaram a ser assombradas pela presença dessas embarcações.

Um submarino misterioso no litoral de Belmonte

Entre maio e junho de 1961, o extremo sul da Bahia voltou a ocupar as páginas de diversos jornais brasileiros, em virtude da história do avistamento de um submersível misterioso na costa belmontense. Por volta das 10h do dia 12 de maio daquele ano, três pescadores viram um submarino a cerca de três milhas ao sul do farol da cidade de Belmonte, o que levou à mobilização de aviões da FAB e embarcações da Marinha.

As primeiras notícias sobre o caso começaram a circular em 14 de maio, após a publicação de uma nota enviada à imprensa pelo almirante Fernando Carlos de Matos, comandante do 2.º D. N., na qual dizia:

Recebi um telegrama de Belmonte, afirmando o aparecimento de um submarino nas águas do litoral baiano, segundo o depoimento de um pescador. Comuniquei o fato às autoridades do Rio, e aos Distritos Navais próximos do Rio e de Recife, mas não pedi providência nenhuma, mesmo porque, enviarei ainda, um oficial à localização, pois o pescador, homem de pouca instrução, provavelmente, se tenha enganado (*Correio Paulistano*, 16 maio 1961, p. 14).

O pescador mencionado pelo almirante Fernando de Matos era Natanael Paulo dos Santos, que, de acordo com uma matéria publicada no jornal *A Noite*, pescava ao largo da costa em companhia de Osvaldo Cândido e Nonato José dos Santos. Por volta das 10h, eles teriam visto surgir nas águas “uma torre cinzenta, com uma chaminé grande” (*A Noite*, 19 maio 1961, p. 4). O submarino teria ficado pouco tempo à vista dos pescadores. Assustados, retornaram imediatamente para Belmonte e comunicaram o ocorrido a Manoel Andrade, agente da Capitania dos Portos, que teria pedido sigilo aos pescadores. Foi ele que informou o avistamento ao comando do 2.º D. N.

Apesar do pedido do agente da Capitania dos Portos, a notícia logo se espalhou entre os pescadores locais, e é compreensível que isso tenha ocorrido. Mais uma vez, um submarino apresentava-se como uma ameaça à região.

Conforme a matéria do *A Noite*, Oton da Silva – líder de uma das colônias de pesca de Belmonte –, que também havia estado na área onde o submersível teria sido avistado, declarou: “Eu chamei a atenção do pessoal ontem para um cheiro muito forte de óleo queimado a noite toda” (*A Noite*, 19 maio 1961, p. 4). A resposta dada pelos colegas a Oton teria sido: “Nóis [sic] sentiu catinga de óleo noite dentro” (*A Noite*, 19 maio 1961, p. 4). Dificilmente essas informações teriam ficado em segredo.

Após ouvir Natanael, o almirante Fernando Carlos de Matos concluiu, preliminarmente, que ele poderia ter confundido o submarino com uma baleia. Após o interrogatório, o oficial emitiu as seguintes declarações:

“Porque o submarino, se for mesmo um submarino, (o pescador podia ter-se enganado), foi avistado a três milhas da costa, onde o mar é de todo o mundo”.

“- Daí a razão de não se fazer caça de espécie alguma a ele, porque o oceano está aberto a quem desejar nele navegar. Se vier para as águas do continente, aí sim, as autoridades dos nossos Distritos Navais saberão o que fazer, pois têm instruções a respeito”.

- “Poderá ser de qualquer nacionalidade, porque daquela altura não estava transgredindo nenhuma lei. Tanto poderia ser de procedência americana ou de outra qualquer” (*Diário da Noite*, 15 maio 1961, p. 2).

A dúvida do almirante pode ter surgido após a declaração de Valdemar Paiva, líder de outra colônia de pescadores de Belmonte, de que baleias costumavam ser vistas na área e que quando elas flutuavam com o dorso submerso mostravam a barriga cinza

(*Tribuna da Imprensa*, 15 maio 1961, p. 5). De fato, baleias são avistadas todos os anos no litoral do extremo sul da Bahia, especificamente baleias jubartes, animais muito grandes que chegam a 16 metros de comprimento. Por elas serem comuns, os pescadores locais estão acostumados a vê-las e, por isso, dificilmente iriam confundi-las com outra coisa.

Mas há um furo nessa história: as baleias costumam ser vistas na região apenas entre os meses de julho e novembro, período de sua reprodução. O submarino foi avistado em maio.

Além disso, as palavras utilizadas por Natanael e seus companheiros – “torre” e “chaminé” – são muito significativas. A saliência superior de um submarino recebe mesmo o nome de torre, e “chaminé” pode ter sido a forma que eles encontraram para descrever o periscópio da embarcação. Como o próprio almirante Fernando de Matos afirmou, Natanael Paulo dos Santos era uma pessoa com pouca instrução escolar, e talvez a palavra “periscópio” não fizesse parte do seu vocabulário, nem do de seus companheiros. Sobretudo, baleias não possuem saliências em seus abdomens que possam ser confundidas com torres ou chaminés.

Ademais, já no dia 15 de maio surgiram informações de que a tripulação do navio petroleiro *Paraná* havia interceptado uma transmissão de rádio estranha nas proximidades de Belmonte que poderia ser do submarino avistado pelos pescadores (*A Noite*, 15 maio 1961, p. 1). No dia seguinte, o capitão de mar e guerra Átila Rodrigues Novais, chefe do Estado Maior da Marinha, confirmou que os pescadores de Belmonte haviam realmente avistado um submersível, mas que ele devia estar navegando em águas internacionais⁸. A essa altura, navios da Marinha e aviões da FAB patrulhavam o litoral do extremo sul da Bahia em busca do submarino misterioso (*O Jornal*, 16 maio 1961, p. 3).

No dia 17 de maio, começou a circular outra informação que alarmou as autoridades militares brasileiras. O piloto e a tripulação de um avião DC-4, da companhia Lôide Aéreo, avistaram um submarino entre o litoral de Alcobaça e Caravelas. Ao perceber a embarcação, o piloto fez voos circulares por cerca de 4 minutos para tentar identificar sinais de sua nacionalidade, mas, aparentemente, a tripulação do submersível percebeu as manobras e a embarcação submergiu. O avistamento ocorreu no mesmo dia que os pescadores de Belmonte notaram um submarino (12 de maio), por volta das 15h45, levando as autoridades a crer que poderia se tratar da mesma embarcação (*Diário de Pernambuco*, 17 maio 1961, p. 1).

Em resposta, um avião P-15 foi enviado para a região com a missão de patrulhar o litoral que se estendia de Belmonte a Caravelas. Conforme matéria publicada no *Correio da Manhã* (17 maio 1961, p. 3), a ordem era atacar e afundar o submersível caso sua tripulação não atendesse aos comandos da patrulha. A embarcação, contudo, não foi localizada e uma história estranha começou a ganhar espaço em alguns jornais do país, ligando o aparecimento do submarino misterioso à caçada internacional aos criminosos de guerra nazistas foragidos.

Em 1960, Otto Adolf Eichmann foi capturado na Argentina por agentes do serviço secreto israelense. Havia suspeitas de que outros membros do Partido Nazista, acusados de crimes de guerra, também estivessem na América do Sul. Nesse contexto, as edições carioca e paranaense do jornal *Última Hora* publicaram uma matéria com a seguinte hipótese para explicar o aparecimento do submarino misterioso na costa de Belmonte:

⁸ Atualmente o limite territorial de um país com saída para o mar se estende até 12 milhas náuticas após sua costa. Esse limite foi determinado pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar em 1982, na Jamaica, mas só entrou em vigor em 1995. À época do avistamento do submarino próximo a Belmonte, a distância na qual ele foi visto já era considerada área internacional.

Como é do conhecimento geral, logo após a sensacional caça e prisão do monstro nazista Eichmann, na Argentina, apareceu nas águas daquele país vizinho um misterioso submarino, que, mais tarde, se apurou ser de nacionalidade israelense e ter a incumbência de transportar Eichmann para Israel. Entretanto, com o alarme, o submarino, desapareceu misteriosamente. Eichmann acabou sendo levado de avião. Agora, como o sinistro Martin Bormann, está sendo insistentemente procurado em nosso País, pelas autoridades israelenses, presume-se que a belonave aparecida ao sul do farol de Belmonte fosse também daquele país e estivesse ali com a finalidade de apanhar o monstro nazista (*Última Hora*, 15 maio 1961, p. 7; *Última Hora*, 15 maio 1961, p. 11).

Por mais estranha que pudesse ser, a hipótese fazia sentido naquele contexto, embora não se soubesse à época que Bormann havia morrido em maio de 1945, quando tentava escapar da Alemanha. Seus restos mortais só foram encontrados em 1973. Outro criminoso nazista procurado naquele período era Josef Mengele, que estava na Argentina até 1959, quando então fugiu para o Paraguai e, em 1960, para o Brasil. Mengele faleceu em 1979, em Bertioja, no litoral de São Paulo, mas sua história só veio a público em 1985.

Nesse ponto, o caso do submarino misterioso avistado próximo a Belmonte liga-se à Segunda Guerra Mundial no extremo sul da Bahia. No dia 23 de maio de 1961, o jornal *Luta Democrática* publicou matérias informando que jornalistas do *A Tarde*, da Bahia, haviam estado em Belmonte, onde entrevistaram Abiah Elizabeth Reuter:

A reportagem do jornal baiano “A Tarde”, localizou e entrevistou a fazendeira alemã Abiah Reuter, que era acusada por seus vizinhos de ocultar em sua propriedade uma autoridade nazista, possivelmente o procurado dr. Mengele. As denúncias acrescentam que tal homem misterioso aparecera desde o advento do submarino não identificado, em Belmonte.

A sra. Abiah Reuter, sem esperar a visita da reportagem, foi logo dizendo que era inútil procurar ali o chefe nazista, que as polícias do mundo estão caçando, o que pareceu à reportagem que a referida senhora sabe de algo.

A Fazenda Mogiquiçaba é situada em uma ilha cercada de recifes que impossibilitaria a aproximação de um grande submersível, restando apenas a possibilidade de eventuais tripulantes desembarcados utilizarem pequenas canoas para chegar àquele local.

À entrevista desviou a atenção dos repórteres denunciando a existência de contrabando na localidade de Prado, dizendo ainda que em seus domínios, a fazenda Mogiquiçaba não oculta brasileiros ou estrangeiros egressos da Justiça, mas apenas plantadores de piaçava e cocos.

Sempre que os jornalistas falavam do dr. Mengele, a sra. Abiah Reuter dizia não “saber de sua participação e importância na Grande Guerra”, não deixando, entretanto, de mostrar simpatia pelo aludido chefe nazista (*Luta Democrática*, 23 maio 1961, p. 1-2).

Como visto anteriormente, Abiah Reuter sofreu arbitrariedades durante a Segunda Guerra Mundial após ser acusada pela população belmontense de manter contato com submarinistas alemães. Naquele momento, passados 16 anos após o fim do conflito, ela estava sendo alvo da mesma acusação. E, mais uma vez, não havia provas. Conforme apontou Pierre Nora (1993, p. 9), a memória está sujeita a repentinas revitalizações. Aparentemente, diante do avistamento do submersível misterioso, os habitantes de Belmonte revitalizaram lembranças de suas experiências do período da guerra e enxergaram Abiah Reuter, mais uma vez, como uma ameaça.

Contudo é preciso destacar que o tom do texto publicado no jornal *Luta Democrática* é sensacionalista. Não foi encontrada nenhuma evidência de que Abiah nutria alguma simpatia por Josef Mengele, e o único elemento apresentado para ligar ambos era a ascendência germânica de Abiah, o que constituía um erro, pois ela era de origem suíça e não alemã.

Independentemente das afirmações feitas contra Abiah, é significativo que, diante da presença do submersível misterioso e da ausência de explicações, a população local tenha recorrido às lembranças da guerra para dar sentido ao que havia acontecido. Como destacou Michael Pollak (1989, p. 9-10), uma das funções da memória é manter a coesão interna de um grupo social. Nesse sentido, ao acusar novamente Abiah Reuter, os habitantes de Belmonte revisitavam as memórias do período da guerra e tentavam manter a coesão da sociedade local diante daquilo que entendiam como uma ameaça – os submarinos –, e Abiah era, no imaginário local, o vetor por meio do qual essas embarcações poderiam atingi-los.

Pouco tempo após a aparição do submersível misterioso na costa de Belmonte, outra dessas embarcações foi vista na região. No dia 27 de julho de 1961, a FAB, por meio de nota emitida por seu Estado Maior, informou o avistamento de um submarino entre as costas de Belmonte e Porto Seguro. Conforme a nota:

Estamos informados de que o piloto do avião PP-NAB, da Companhia Navegação Aérea Brasileira, acha ter avistado um submarino, no dia 25 [de julho], às 11h40m, ao largo do litoral da Bahia, entre Porto Seguro e Belmonte. Ao perceber a aeronave, submergiu. A FAB determinou fosse precedida busca na região indicada. O EMA [Estado Maior da Aeronáutica] depois de esclarecer não haver submarino algum da Marinha Brasileira, na área, indicada, determinou ao comandante do 2.º Distrito Naval, que fossem tomadas todas as providências, para a elucidação do assunto (*A Noite*, 27 jul. 1961, p. 5).

Novamente, a suspeita de um submersível navegando na região deixou a Marinha e a Força Aérea Brasileira em estado de alerta. Foi a quarta vez que isso ocorreu em um espaço de dois anos, com os dois últimos episódios em um espaço de pouco mais de dois meses. A situação era preocupante. Jornais como *A Noite* (27 jul. 1961, p. 5), *Correio da Manhã* (27 jul. 1961, p. 7), *Correio Paulistano* (27 jul. 1961, p. 2) e *Diário Carioca* (27 jul. 1961, p. 1) cobriram o caso que, embora não tenha repercutido da mesma forma que o dos “homens louros”, colocou o extremo sul da Bahia mais uma vez no centro da atenção pública nacional.

Após o avistamento de mais um submarino misterioso, o Estado Maior da Marinha novamente informou que não havia nenhum submersível brasileiro navegando na região. Ou seja, se o piloto do avião civil de fato avistou um, não se tratava de uma embarcação brasileira. Conforme notícia divulgada pelo *Correio da Manhã* (27 jul. 1961, p. 7), aviões P-15 da FAB foram enviados para patrulhar o local, mas não há relatos de que tenham localizado o submarino.

Esse episódio foi o último caso de aparecimento de submersíveis misteriosos na região, pelo menos entre aqueles cobertos pela imprensa, mas não foi a última vez que tais embarcações suscitaram o imaginário coletivo dessa população.

O buraco para abastecer submarinos em Prado

Em novembro de 1976, um grupo de jovens paulistanos comprou um terreno cerca de 40 quilômetros ao norte da cidade de Prado, na Bahia. A área de 400 mil metros

quadrados foi adquirida – segundo informou Fernando Pereira de Azevedo, um dos compradores – em troca de *“um fusca, um pouco de dinheiro, um rádio, uma máquina fotográfica e outros objetos”* (Azevedo, 2021). Em janeiro de 1977, o grupo montou uma comunidade alternativa que recebeu o nome de Mato Grosso. Seus integrantes eram, na maioria, professores, músicos e estudantes universitários e secundaristas de São Paulo e Rio de Janeiro. O objetivo daqueles jovens era *“criar um novo mundo”* (Azevedo, 2021).

A maneira como a propriedade foi adquirida fornece um indício de como as relações comerciais eram – ou poderiam ser – travadas no interior do município de Prado. Os moradores que viviam em torno da comunidade Mato Grosso eram indígenas ou seus descendentes e viviam da pesca e de outras atividades extrativistas. De acordo com Fernando de Azevedo (2021), circulava pouco dinheiro entre os habitantes, e as mercadorias eram adquiridas por meio de escambo ou prestação de serviços. Ferramentas de metal, como machados e facões, eram repassados como herança de geração em geração.

Ainda segundo Azevedo, uma das coisas que mais lhe chamaram a atenção em Prado foi a relação intensa entre a vida e a morte naquela comunidade de pescadores. Nascimentos e mortes eram eventos frequentes. Entre as causas de óbito se destacavam as *“de bebida”, “frio”, “rixas entre famílias”* e as causadas por discussões nos *“babas”*⁹. De forma especial, as *“mortes de frio”* pareciam ter um ritmo sazonal. Como afirmou Fernando de Azevedo (2021): em tempo frio, *“velhos e crianças morriam”*.

Segundo a interpretação de Azevedo, as *“mortes de frio”* estavam muito ligadas à estrutura das casas dos moradores. A maioria delas era *“feita de madeira e palha”,* com *“dobradiças de couro”* e *“trancas de madeira”* nas portas e janelas (Azevedo, 2021). Médicos e remédios eram raros na localidade.

Os jovens paulistanos e cariocas conviveram de maneira muito próxima com os moradores locais. Arquiteto, Fernando de Azevedo relatou que até hoje tem como referência para seus trabalhos algumas técnicas de construção que aprendeu com as pessoas que viviam no entorno da comunidade Mato Grosso. As relações comerciais entre os dois grupos também eram fortes.

Além disso, os jovens da comunidade acolhiam muitos viajantes que por lá passavam, vindos tanto de outras partes da Bahia quanto de fora do estado. Os visitantes eram pessoas que haviam escutado falar sobre a comunidade ou eram amigas de seus fundadores. O fluxo de pessoas desconhecidas chamava a atenção dos habitantes da localidade.

De acordo com Fernando de Azevedo (2021), tal população nunca compreendeu bem o que os jovens faziam naquela área. Segundo relatou, vez ou outra durante a noite algumas pessoas entravam na casa onde viviam os integrantes da comunidade e os observavam por longos períodos sem pronunciar uma única palavra. Depois, simplesmente iam embora. Inicialmente, apesar de estranharem a atitude, os paulistanos e cariocas parecem ter interpretado aquilo como um costume local, uma forma que os moradores encontraram para conhecê-los melhor e compreender seus objetivos. Essas visitas noturnas, contudo, deixavam claro que os jovens eram vistos como elementos estranhos.

Certa tarde, em um domingo, no final de 1977, 15 jovens da comunidade Mato Grosso foram jogar futebol em Corumbau, aproximadamente a doze quilômetros ao norte da comunidade. Segundo Fernando de Azevedo (2021), o *“baba”* durou a tarde toda e, no início da noite, retornaram. Quando chegaram à comunidade havia viaturas

⁹ Partidas de futebol.

da polícia os aguardando, e todos foram conduzidos a Ilhéus, onde foram interrogados. Ficaram detidos cerca de uma semana. Durante os interrogatórios foi revelado o motivo da ação policial: os moradores acusaram-nos de serem “traficantes, terroristas ou comunistas” (Azevedo, 2021).

De forma especial, a palavra “terrorista” deve ter alarmado as autoridades policiais, pois entre 1967 e 1974, em Goiás, ocorreu a Guerrilha do Araguaia, que lutava contra o regime ditatorial brasileiro. O núcleo da comunidade Mato Grosso era formado por cerca de 15 indivíduos, mas, conforme relatou Fernando de Azevedo, pelo menos 51 pessoas passaram pela comunidade ao longo de sua existência, e isso deve ter assustado os habitantes locais. Possivelmente, o temor de que algo semelhante à Guerrilha do Araguaia pudesse estar sendo organizado no município de Prado levou os policiais a informar o fato a seus superiores, em Ilhéus, que enviaram homens e viaturas para detê-los.

Mas, além das desconfianças mencionadas, outra chama a atenção: a estranha história sobre um buraco para abastecer tripulações de submarinos. Conforme relatou Fernando de Azevedo (2021):

Eles achavam que a noite a gente cavava um buraco para abastecer submarinos. De onde eles tiraram isso eu não sei. Não existia um buraco, a gente morava próximo da praia, mas não na praia. Um lugar que os “caras” não sabiam nem que tinham outras línguas, não sabiam que tinham países diferentes, não era difícil eles acreditarem que a gente realmente poderia estar ajudando um submarino. Talvez alguém assistiu algum filme e entrou na história. Bom, pode ter alguma realidade também, eu não consigo imaginar.

Mais uma vez, os submarinos apareceram como um elemento capaz de dar sentido a algo que a população local não conseguia compreender, mas que precisava ser explicado. E, novamente, o medo daquilo que parecia ameaçar a existência da comunidade local levou as pessoas a agir. Era o medo do desconhecido.

Conforme relatou Fernando de Azevedo (2021), havia histórias que se repetiam em diversos locais da região, e elas eram “contadas e se misturavam”. E, ao dar um exemplo dessas histórias comuns no imaginário coletivo da região, os submarinos apareceram novamente:

Quando eu já estava morando em Porto Seguro, soube de um episódio de um “cara” que estava atravessando o Rio dos Frades com um jegue e um cação¹⁰ entrou e comeu esse jegue. E um pescador de Porto Seguro, um tal de “Japonês” – foi um cara que ensinou técnicas de pesca para os próprios porto-segurenses –, pegou esse cação que tinha um pedaço do jegue na barriga. Isso é história que eu escutei aqui, “estória” com “e” mesmo, porque essa mesma história eu escutei no Cai [no município de Prado], eu escutei em Caraíva [no município de Porto Seguro], eu escutei mais ao norte. Então, as histórias estavam no imaginário. É um filme que passou naquela região e era contado e não tinha muita certeza. Então, essa questão do apoio ao submarino que aconteceu aqui, 40 anos antes, fazia parte do repertório. Então a gente podia ser aqueles loiros, aqui ninguém tinha visto um loiro de olho azul! (Azevedo, 2021).

O relato aponta para a força que a tradição oral tinha na região. Além disso, ao recordar a história do “buraco para abastecer submarinos”, ocorrida 44 anos antes do momento da entrevista, Fernando de Azevedo fez uma referência ao caso dos “homens louros” de Alcobaça. É interessante destacar que Azevedo não era natural do extremo

¹⁰ Termo genérico usado para se referir a diferentes espécies de peixes cartilaginosos, entre os quais tubarões e raias.

sul da Bahia, mas sim paulistano. Parecia, no entanto, saber do caso. Possivelmente, ouviu falar sobre o assunto enquanto morava na comunidade Mato Grosso. A Praia de Quati, onde os “homens louros” supostamente desembarcaram, está a cerca de 50 quilômetros ao sul da área onde ficava a comunidade Mato Grosso. É uma distância relativamente pequena, e é possível que quando a comunidade foi formada ainda se contassem histórias sobre o caso.

Apesar da prisão de seus integrantes, a comunidade Mato Grosso continuou a existir. O caso gerou um estranhamento mútuo entre os jovens e os moradores locais, mas as trocas de experiências e as relações comerciais se mantiveram. A partir de 1979, entretanto, a comunidade entrou em declínio.

A área da comunidade não era muito propícia para a agricultura, que desde o início havia sido pensada como a forma de subsistência de seus integrantes. Além disso, ocorreram alguns incidentes com os pescadores nativos, que talvez vissem os jovens paulistanos e cariocas como competidores. Por fim, dificuldades nas relações comerciais inviabilizaram a experiência desses jovens.

Um fator determinante para o esvaziamento da comunidade foi a preocupação relacionada à gravidez de algumas mulheres que integravam o núcleo da comunidade. Essa foi uma das questões que levaram Fernando de Azevedo e sua companheira a se mudarem para Porto Seguro. Em 1982, cinco anos após sua fundação, a comunidade Mato Grosso chegou ao fim. Alguns de seus integrantes, a exemplo de Fernando, permaneceram no extremo sul da Bahia, enquanto outros voltaram para seus locais de origem.

No caso do “buraco para abastecer submarinos”, em Prado, o medo de submersíveis não é o fator direto de explicação do evento, mas ele está presente. A população que vivia no entorno da comunidade Mato Grosso não entendia o que aqueles jovens forasteiros faziam ali e, por isso, os enxergou como uma potencial ameaça à comunidade local. Ao acusá-los de serem “traficantes, terroristas ou comunistas”, os habitantes da região expressavam o medo de coisas alinhadas ao contexto brasileiro da época, de ditadura militar. O fato de ter surgido uma história segundo a qual aqueles jovens estavam fazendo um “buraco para abastecer submarinos” mostra que o medo dessas embarcações ainda estava presente entre os moradores locais. Por fim, deve-se destacar um detalhe importante: durante a Segunda Guerra Mundial, uma das coisas que se dizia contra os estrangeiros que viviam na região era, justamente, que eles abasteciam tripulações de submersíveis inimigos. Nesse sentido, pode-se afirmar que tal ideia era uma reminiscência do período da guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Segunda Guerra Mundial atingiu profundamente o extremo sul da Bahia. A violência e o horror dos casos da *Jacira* e do *Afonso Pena*, as dificuldades de subsistência geradas pela redução do tráfego mercante, as alterações na vida cotidiana – causadas pela presença dos soldados – e a participação de pessoas locais em operações bélicas são os elementos sobre os quais foram construídas as memórias da guerra na região. Nessas memórias, destacam-se as histórias sobre submarinos.

Durante décadas, o medo dessas embarcações assombrou o imaginário coletivo dos moradores da região. Esse temor foi alimentado pelo caso dos “homens louros” de Alcobaça, em 1959, e pelos avistamentos de submarinos entre as costas de Belmonte e Porto Seguro, em 1961. O caso da denúncia contra os integrantes da comunidade Mato Grosso, em Prado, em 1977, sobre os quais pairava a suspeita de que cavaram um buraco para abastecer submarinos, é um sintoma dessa apreensão.

Não foram apenas os eventos em si que reforçaram o medo que as pessoas locais sentiam dos submarinos; também contribuiu para isso a cobertura dada pela imprensa brasileira aos casos de 1959 e 1961. A presença de repórteres, bem como de investigadores militares, serviu para reavivar as lembranças do contexto da guerra e, por meio de uma relação de retroalimentação, o medo de submarinos ajudou a manter vivas as memórias da Segunda Guerra Mundial no extremo sul da Bahia.

REFERÊNCIAS

Jornais e revistas

A NOITE. Rio de Janeiro, ano XXXII, n. 11.171, 19 mar. 1943.

A NOITE. Rio de Janeiro, ano L, n. 15.728, 15 maio 1961.

A NOITE. Rio de Janeiro, ano L, n. 15.732, 19 maio 1961.

A NOITE. Rio de Janeiro, ano L, n. 15.791, 27 jul. 1961.

A TARDE. Salvador, ano 30, n. 10.721, 29 set. 1942.

A TARDE. Salvador, ano 31, n. 10.856, 11 mar. 1943.

A TARDE. Curitiba, ano X, n. 4.470, 7 jul. 1959.

BOLETIM OFICIAL MUNICÍPIO DE BELMONTE. Belmonte, ano 18, n. 274, 6 mar. 1943.

BOLETIM OFICIAL MUNICÍPIO DE BELMONTE. Belmonte, ano 20, n. 343, 1 jul. 1944.

BOLETIM OFICIAL MUNICÍPIO DE BELMONTE. Belmonte, ano 20, n. 344, 8 jul. 1944.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, ano LIX, n. 20.328, 4 jul. 1959.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, ano LIX, n. 20.333, 10 jul. 1959.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, ano LIX, n. 20.335, 12 jul. 1959.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, ano LX, n. 29.902, 17 maio 1961.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, ano LX, n. 20.907, 23 maio 1961.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, ano LXI, n. 29.961, 27 jul. 1961.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, ano 107, n. 32.252, 16 maio 1961.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, ano 108, n. 32.314, 27 jul. 1961.

DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 10.141, 27 jul. 1961.

DIÁRIO DA NOITE. São Paulo, ano XXXVI, n. 11.134, 15 maio 1961.

DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro, ano XXXI, n. 11.246, 9 jul. 1959.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, ano 61, n. 20.091, 7 jul. 1959.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, ano XXX, n. 11.239, 7 jul. 1959.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, ano 136, n. 111, 17 maio 1961.

ESTADO DA BAHIA. Salvador, ano X, n. 1.588, 29 ago. 1942.

ESTADO DA BAHIA. Salvador, ano X, n. 1.613, 29 set. 1942.

LUTA DEMOCRÁTICA. Rio de Janeiro, ano VIII, n. 2.237, 23 maio 1961.

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, n. 41, 25 jul. 1959.

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, n. 44, 15 ago. 1959.

O JORNAL. Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 11.915, 4 jul. 1959.

O JORNAL. Rio de Janeiro, ano XXXIX, n. 12.330, 16 maio 1961.

TRIBUNA DA IMPRENSA. Rio de Janeiro, ano XIII, n. 2.443, 15 maio 1961.

ÚLTIMA HORA. Paraná, ano X, n. 2.799, 15 maio 1961.

ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro, ano X, n. 3.341, 15 maio 1961.

Entrevistas

AZEVEDO, Fernando Pereira de. **Fernando Pereira de Azevedo**: entrevista oral [out. 2021, Arraial d'Ajuda, Porto Seguro]. Entrevistador: Tharles S. Silva.

BANDEIRA, João Borges. **João Borges Bandeira**: entrevista oral [dez. 2016, Belmonte]. Entrevistadores: Galileu Lemos Jr., Tharles S. Silva e Vinícius Parracho.

BEZERRA, Vicente Lima. **Vicente Lima Bezerra**: entrevista oral [dez. 2016]. Entrevistadores: Galileu Lemos Jr., Tharles S. Silva e Vinícius Parracho.

CASSIMIRO, Benedito Ramos. **Benedito Ramos Cassimiro**: entrevista oral [dez. 2016, Arraial d'Ajuda, Porto Seguro]. Entrevistadores: Galileu Lemos Jr., Gabriel Moreira Dias, Tharles S. Silva e Vinícius Parracho.

SANTOS, José Carmo dos. **José Carmo dos Santos**: entrevista oral [out. 2016, Arraial d'Ajuda, Porto Seguro]. Entrevistador: Tharles S. Silva.

Bibliografia

ARANTES, Marcus Vinicius de Lima. **Torpedo: o terror no Atlântico**. Rio de Janeiro: Livre Expressão Editora, 2012.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra**. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

GOMES, Oswaldo Pereira. **História do 4.º GAC**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983.

KAPFERER, Jean-Noël. **Boatos: a mais antiga mídia do mundo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SILVA, Marina Helena Chaves. **Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SILVA, Tharles S. **“Não adiantou, nós vencemos”**: a Segunda Guerra Mundial no extremo sul da Bahia. Tese (Doutorado em Estado e Sociedade) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2022.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, Carlos Benedito de; SOUZA, Scheilla Franca de. **Relatos históricos de Caravelas (desde o século XVI)**. Caravelas: Fundação Professor Benedito Ralile, 2006.